

EDUCAÇÃO

CONTINUADA

N.5 *EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E SUAS TECNOLOGIAS*



Revista Educação Continuada

Educação, Ciência e suas Tecnologias

São Paulo - SP, V.4 n.5, Maio 2022

Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva
Prof. Dr. Flávio da Silva
Profa. Me. Jonathan Estevam Marinho
Me. André Santana Mattos

Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho
Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos
Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier
Prof. Dr. André Magalhães Coelho

Revisão e Editoração

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe] Prof. Me. Enésio Marinho da Silva - Vol.4, n.5 (Maio 2022) - CEQ Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional, 2022

176p.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/article/629e7aeba9539543c92d5773>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 31/05/2022

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;
I. Título

CDU 37/49
CDD 372.358

Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O



CEQ Educacional

R. Airi, 20 • Tatuapé • CEP: 03310-010 • São Paulo-SP • Telefones: 11 2546-7326 | 11 2841-2411

SUMÁRIO

ARTIGO CIENTÍFICO

p.5-11

EDUCAÇÃO E INTERTIVIDADE ATRAVÉS DAS NOVAS MÍDIAS

Rosa Marina Sarubbi

p.12-22

O ESTUDANTE COM AUTISMO E SUA RELEVÂNCIA NO CENÁRIO EDUCACIONAL

Betânia Casé dos Santos Costa

p.23-32

AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cristiane Francisco da Mota

p.33-41

DIFICULDADES NAS OPERAÇÕES MATEMÁTICAS

Betânia Casé dos Santos Costa

p.42-47

A EDUCAÇÃO INFANTIL E A MUSICOTERAPIA

Daniela Mandato

p.48-55

O CONTEXTO HISTÓRICO E AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cristiane Francisco da Mota

p.56-61

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PELA ARTE E A EDUCAÇÃO

Vanessa Maria Lourenço Rocha

p.62-75

A IMPORTANCIA DA LEITURA DOS CONTOS TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andreia Magalhães Ribeiro

p.76-85

A ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO COM TEA - MÉTODO FÔNICO

Daniele Barboza Cabral

p.86-100

TOTALITARISMO, FASCISMO E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: PARALELOS ENTRE HANNAH ARENDT E THEODOR ADORNO

Larissa Patrício Campos de Oliveira

p.101-113

CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

Lilian Viviane da Silva Santos

p.114-125

A ESCOLA E AS CRIANÇAS DO CANDOMBLÉ

Raquel Cristina Martins dos Santos

p.126-132

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NA APREDIZAGEM: UM ENFOQUE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Clarisse Maria Kneip

p.133-144

O LÚDICO COMO UMA PROPOSTA METODOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lincoln Rogerio Rabelo Rosa

p.145-155

O TRABALHO DOCENTE EM ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: GESTÃO & FAMÍLIA

Lincoln Rogerio Rabelo Rosa

p.156-168

A EVOLUÇÃO PSICOLÓGICA DO ALUNO CONSIDERANDO AFETIVIDADE, MOVIMENTO E INTELIGÊNCIA

Clarisse Maria Kneip

p.169-176

BRINQUEDO E BRINCADEIRA, DIFERENTES INTERPRETAÇÕES DA DIVERSIDADE ÉTICO RACIAL

Patricia Ferraz de Oliveira

**BRINQUEDO E BRINCADEIRA, DIFERENTES INTERPRETAÇÕES DA DIVERSIDADE ÉTICO
RACIAL**

Autora: **Patricia Ferraz de Oliveira**

Resumo

Este trabalho tem por objetivo ressaltar a importância das brincadeiras realizadas pelas crianças em relação à interação com o mundo real. A brincadeira é uma das melhores oportunidades que as crianças têm para interagir com o mundo a sua volta, a natureza, a cultura e as pessoas. Oportunidade de se perceber como parte integrante deste mundo aprendendo a expressar as suas angústias e alegrias. Acredito que as brincadeiras contribuem para formação de opiniões positivas, em virtude disto, este trabalho se propõe a demonstrar que é possível inserirmos nelas questões relacionadas ao respeito à diversidade étnica racial e de gênero.

Palavras-chave: brincadeira; educação infantil; diversidade.

INTRODUÇÃO

Atualmente é comum observarmos que as crianças preferem brincar com jogos eletrônicos e assistir televisão no lugar de correr, jogar bola e se movimentar. Existe ainda uma preocupação muito real de pais e mães com a violência que assombra nossa sociedade, que muitas vezes, impedem as crianças de se encontrarem para brincar em parques e praças como acontecia há tempos atrás.

Os eletrônicos e a televisão ganharam um espaço considerável como atividade da infância, sendo mais desejados pelas crianças e mais conhecidos, muitas vezes, do que atividades que demandam um maior gasto de energia. Desta maneira muitos meninos e meninas brincam sozinhos com seus tablets e celulares e pouco se relacionam com outras crianças e adultos.

As relações estão enfraquecidas e as interações tão importantes para a construção de conceitos e valores como compartilhar, ser tolerante, aprender um com o outro e o respeito, estão se perdendo por conta de um brincar cada vez mais solitário.

Ao brincar as crianças interagem umas com as outras e aprendem a se relacionar no mundo, desenvolvem além da criatividade, conceitos construídos historicamente pela sociedade onde vive. É através

das brincadeiras que as crianças criam um mundo próprio e em muitas ocasiões imitando as atividades dos adultos.

Na atualidade, após a inserção das mulheres no mercado de trabalho aliado a crescente violência que assola principalmente os centros urbanos, vem aumentar assustadoramente a necessidade de confinar as crianças em suas residências. Este fator contribuiu para alavancar a audiência nos programas televisivos, o que não representou um aumento em qualidade dos programas infantis.

Parte significativa dos programas apresentados pela televisão é destinada aos adultos e dos poucos oferecidos para as crianças, muitas vezes objetivam um comércio exacerbado de produtos diversos, desde comestíveis, a roupas e aparelhos eletrônicos.

O principal problema apresentado nesta nova forma de organização refere-se aos conceitos que se agregam aos programas e brinquedos vendidos, ou seja, eles criam conceitos estereotipados da realidade em que vivemos e definem ideais de beleza e de comportamento, como por exemplo, para ser bonito é necessário parecer-se com a boneca Barbie ou Ken, numa sociedade predominantemente de população afro-brasileira, onde os cabelos são carapinhas ou encaracoladas e a pele negra.

Estudos do Instituto Alana mostraram que há pouca vigilância e cobrança relacionada aos programas infantis, tampouco para as propagandas que são oferecidas como num bombardeio para nossas crianças que passam horas a fio diante da telinha.

Esses estudos deram origem ao documentário: “Criança a alma do negócio”

No documentário, podemos ver crianças que, além do computador e do celular, passam horas a fio em frente à televisão. Horas a fio expostas às mais radicais, inimagináveis e antiéticas jogadas de marketing: comerciais e mais comerciais de comida, bebida, roupas, sapatos, brinquedos. Tudo com um apelo comercial sujo, que busca de toda forma convencer aqueles que, segundo pesquisas, são um dos maiores influenciadores das compras dentro de uma casa (INSTITUTO ALANA, 2008, pág 85).

O principal objetivo destes programas televisivos está relacionado ao consumo excessivo de produtos, sem que haja uma preocupação com a criação de hábitos saudáveis e ou contribuição para a formação de opiniões positivas frente às questões, como por exemplo, o desenvolvimento de atitudes de respeito às diferentes etnias e de gênero.

Uma vez que são estabelecidos os protótipos do que seja ideal, incutidos sistematicamente através dos

repetidos programas apresentados pela televisão, cria-se em consequência na mente das crianças o padrão do que seja perfeito.

Assim, desde cedo as crianças vão aprendendo que ser negro é feio, que o bonito é ter cabelo liso e de preferência loiro, que homens vestem e se comportam de maneira diferente das mulheres e que acima de tudo são superiores, por isso, ganham mais, que mulheres são destinadas à educação dos filhos e os homens os provedores da casa.

Os programas televisivos reforçam essas ideias preconceituosas, muitas vezes de maneira sutil, através de gestos, palavras e modelos do ideário de uma sociedade perfeita através de desenhos, jogos, filmes e personagens que enaltecem um único padrão de família, religião e beleza.

Em virtude dos relatos apresentados e considerando as consequências destas ações para formação de atitudes e valores nas crianças, faz-se necessário, discutirmos como as brincadeiras podem contribuir para ações não preconceituosas.

A importância das brincadeiras enquanto vivências que contribuem para ações não preconceituosas

Entendemos que uma sociedade se constitui por uma série de valores construídos ao longo de um período por seus membros. Esses valores passam a fazer parte da cultura deste povo que os transmite de geração para geração.

Valores são aprendidos, não são inatos, eles são construídos na relação das pessoas com outras que as cercam. Desta forma, com as crianças não poderia ser de modo diferente, elas refletem em suas brincadeiras os modos de ser dos adultos, sua forma de pensar e agir. Através das brincadeiras são repassados valores e em virtude disto elas são extremamente importantes para formação das crianças.

A brincadeira é uma das melhores oportunidades que as crianças têm para interagir com o mundo a sua volta, a natureza, a cultura e as pessoas. Oportunidade de se perceber como parte integrante deste mundo aprendendo a expressar e aprender as suas angústias e alegrias.

As experiências vividas por meninos e menina nas brincadeiras possibilitam que se coloquem no lugar de outros, que conheçam outras realidades, argumentem e tomem decisões e assim fazendo o que de melhor as crianças sabem fazer: brincar.

Porém, sabemos que nas brincadeiras as crianças apresentam sentimentos de alegria e tristeza, mas também de exclusão quando não se sentem a vontade com o brincar coletivo. Este fator se dá em virtude de vários fatores, um deles está relacionado ao fato de as crianças realizarem agrupamentos por afinidade.

Afinidade esta que nem sempre acontece de forma tolerante e inclusiva, assim como aponta Bueno e Amaral.

Não são apenas as diferenças naturais que encontramos na nossa sociedade que levam a exclusão; encontramos também diferenças criadas e estabelecidas pelo próprio homem que afasta de si aquilo que não lhe é semelhante ao criar picos de iguais e outros de diferentes, estes muitas vezes assumem também a condição de inferiores (BUENO, 1997). Neste movimento são gerados estereótipos, estigmas e preconceitos. Onde quem apresenta uma marca corporal se difere de forma negativa das outras pessoas.

Segundo Amaral, estes estereótipos se originam na relação com o outro. Reforçando a ideia de que a diferença não está na pessoa com deficiência, mas nos valores culturais estabelecidos que levem a identificar quais são os estigmatizados. (AMARAL, 2006, P. 23)

Considerando que na escola a brincadeira exerce papel fundamental nas relações interpessoais e na constituição de sujeitos, suas atitudes e valores, será neste espaço que oportunizaremos o contato com a diversidade e desenvolveremos práticas não excludentes.

Construindo ações positivas frente à diversidade étnica racial e de gênero nas escolas através das brincadeiras

Este artigo objetiva contribuir para que as educadoras pesquisem, reflitam, problematizem e organizem brinquedos/ brincadeiras levando as crianças a participar de vivências que possibilitem construir uma identidade positiva de si, potencializando interações significativas entre elas.

O enfoque do trabalho estará nas relações étnicas raciais e de gênero, numa perspectiva de fazer uso do brinquedo e da brincadeira para mediar relações de respeito.

As educadoras poderão utilizar jogos, arte, culinária, filmes, livros, músicas e danças que estimulem o conhecimento sobre as culturas africanas, afro brasileiras, indígenas e imigrantes.

Intencionamos conseguir diminuir ações preconceituosas. Para tanto será necessário discutirmos as relações, sermos verdadeiros em nossas reflexões para que assim as ações preconceituosas possam efetivamente ser modificadas. Pesquisar e investigar como estas relações ocorrem no âmbito escolar, e acima de tudo observar quais práticas pedagógicas reforçam a discriminação e não valorizam a diversidade é extremamente importante e imprescindível.

É importante ter clareza de que toda prática pedagógica é política e reveladora de conceitos, de visão de mundo e precisa ser pensada, avaliada, discutida e revista.

Nenhuma prática pedagógica é ingênua, mas promotora de concepções reais e as atitudes dos adultos que acompanham as crianças podem ensinar a integrar ou segregar.

No sentido de um trabalho voltado a igualdade nas relações e que considere a diversidade, precisamos avaliar e agir sobre os relacionamentos e atitudes que acontecem dentro da escola. Observar como se dá o acolhimento e a rejeição se existe apelidos preconceituosos, se há filas e organização de equipes divididas por sexo, se há organização de brincadeiras para meninos e meninas e apoio na expressão de sentimentos, emoções, choro; se há respeito às diferentes religiões; se há falas positivas sobre beleza, cabelos, penteados e demais características físicas e culturais dos diferentes povos; se há escolha intencional de histórias ou outro instrumento que apresentem meninas como guerreiras ou heroínas e situações diversas que oportunize aos meninos que sejam cuidadores, que assumam o papel de limpar, organizar, bem como na apresentação das diferentes profissões para homens ou mulheres.

Para construir uma identidade positiva de si e para valorizar o outro em sua diferença, é preciso conseguir se enxergar como parte importante da sociedade, percebendo que pessoas iguais também obtiveram sucesso, perceber-se nas propagandas, nas revistas, na novela encontrando suas referências nas histórias, nas personagens dos filmes e desenhos, nos heróis e heroínas, príncipes e princesa, nos bonecos e bonecas. O sentimento de pertencimento a um grupo inclui e envolve pessoas em relações harmoniosas e igualitárias.

Existem várias ações pedagógicas relacionadas à temática apresentada que contribuem para que eliminemos estereótipos e preconceitos na escola, uma delas pode ser a construção juntamente com as crianças de seus próprios brinquedos.

Construção de bonecos e bonecas feitas pelas crianças junto com as professoras, partindo de uma personagem de ficção ou história de alguém real. Bonecas e bonecos negros, indígenas, bolivianos, deficiente visual, cadeirantes, síndrome de Down entre outros, confeccionados para ressignificar o brincar.

Acreditamos que oportunizar para as crianças vivenciarem brincadeiras envolvendo estes bonecos e bonecas trará a possibilidade de interação com a diversidade, novas histórias, novas visões de mundo e novas situações nas brincadeiras.

Esses brinquedos poderão pertencer ao acervo da unidade e permitir que as crianças tenham outros modelos para se espelharem e não aqueles convencionais que carregam concepções de mundo embutidos de maneira sutil em cada um deles.

Ao brincar com brinquedos feitos por eles e que melhor os representam as crianças adquirem

pertencimento. Sentimento esse que se faz necessário na construção de seus próprios valores.

Tão importante quanto à construção dos brinquedos de maneira interativa é repensar a ação das educadoras para além de promotoras das brincadeiras, mas partícipes do processo do brincar, possibilitando a problematização, a provocação e impulsionando as crianças na reflexão sobre suas posturas, sobre suas condutas frente a esta questão da igualdade.

Acreditamos que as pesquisas e discussões acerca da temática que deverão ocorrer nas Reuniões Pedagógicas e Horários Coletivos promoverão boas reflexões para todos os educadores, uma vez que, somos fruto de uma história que nos levou a assumir mesmo que inconscientes posicionamentos preconceituosos. Esta é a oportunidade de nos avaliarmos e de nos refazermos.

A criança nesta fase procura sua identidade e autonomia, resgatando seus valores e suas condutas, por isso o brincar é tão importante, pois é através do brincar que a criança absorve experiências, vivenciadas por outras crianças. Ao brincar a criança aprende a seguir regras, aprende a conhecer, a fazer e conviver, pois experimenta formas de comportamento e se socializa como nos mostra Vygotsky (2007, 93).

Se nós adultos acreditamos como em Vygotsky, que as crianças procuram sua identidade resgatando seus valores e condutas podem afirmar que as brincadeiras não são apenas uma forma de diversão despretensiosa, mas uma forma de inserção na sociedade.

Ao brincar, como já apontado, as crianças vão construindo sua identidade e formando seus conceitos do que é certo ou errado no mundo. Assim, devemos propiciar às crianças brincadeiras que possam contribuir para que os preconceitos e discriminações sejam totalmente eliminados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com as pesquisas para este artigo que as crianças aprendem muito enquanto brincam. Seus conceitos e valores são construídos através das relações que são estabelecidas no ato de brincar e interagir com o outro.

Ao brincar as crianças reproduzem o que se espera pela sociedade em que vive. Desta forma, os valores e condutas esperados são repetidos em gestos e falas pelas crianças que vão crescendo e cristalizando a

formação de seus conceitos e valores.

Os veículos de comunicação são importantes para formação de valores desde a infância e dependendo da programação podem constituir-se em ferramenta para boas condutas ou para cristalização de preconceitos e estereótipos relacionados ao modo de vida das pessoas reforçando muitas vezes visões negativas sobre questões étnicas e de gênero.

Através das brincadeiras as crianças podem aprender a ter visões positivas sobre sua própria pessoa, respeitar as diferenças e eliminar estereótipos, desenvolver a tolerância e a convivência com o diferente, relacionadas às questões de preconceitos e discriminatórias.

Na escola os educadores são fundamentais para que as crianças adquiram opiniões positivas frente às questões de diversidade étnica racial e de gênero. As principais contribuições estão relacionadas à eliminação de quaisquer formas de preconceitos e discriminações no ambiente escolar através de atitudes éticas.

Os educadores podem e devem interferir para que as brincadeiras realizadas pelas crianças não reforcem fatores negativos em sua formação, mas ao contrário propiciem a elas desenvolverem sentimentos de tolerância, respeito a si e ao próximo, livres de preconceitos e discriminação de qualquer natureza.

As atividades desenvolvidas podem auxiliar no desenvolvimento de ações que contribuam para eliminação de visões estereotipadas na escola. Assim, atividades como a construção de bonecos e bonecas de diferentes etnias, a inserção da escuta através de rodas de conversa sobre as diferentes culturas, a apropriação de imagens de diferentes personagens tendo como modelo tipos diferenciados de beleza, cor, cabelo e outros, bem como, programas televisivos, filmes e seriados que não apresentem um único modelo ideal, seguramente contribuirão para formação positiva no que se refere às questões de tolerância e aceitação de si, desde a infância.

Neste sentido a escola e seus educadores tem importância fundamental na construção de ações positivas frente às questões de diversidade étnicas raciais e de gênero. Essas ações com certeza irão propiciar um mundo mais justo e respeitoso para todos extremamente possível de ser construído através das brincadeiras.

REFERÊNCIAS

- ALANA, Instituto. Criança a alma do negócio. Direção: Estela Renner. Produção: Marcos Nisti. Maria Farinha Filmes, 2008.
- AMARAL, L.A. Diferenças, estigmas e preconceito: o desafio da inclusão In: OLIVEIRA, M.K. et all (orgs.) *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2006.
- BUENO, J. G. S. Produção social da identidade do anormal In: FREITAS, M. C. (org.) *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- JÚNIA, Raquel. **História e cultura africana e indígena nas escolas**. Disponível em: <<http://www.feteerj.org.br/?p=1302>>. Acesso em: 21 out.2013.
- TEIXEIRA, Sirlândia. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.